

O último rio dos Tracajás

MIGUEL ANGULO-GIRALDO
Federal University of Rio Grande do Sul

Corre. Suas perninhas pequenas sentem pela primeira vez a areia do rio Marañón, e é estranha, seca, menos macia que o seu casulo. Move os pezinhos um atrás do outro, ao lado de milhares de outras iguais a ela, todas correndo na mesma direção. Está calor, o sol bate direto em seu corpo, esse corpo que ela acabou de descobrir faz um minuto (ou menos). Todas seguem juntas. Não as conhece, mas sabe que todas são iguais correndo sua própria maratona rumo ao rio.

A areia clareia e escurece a cada dois minutos. Ela ouve gritos, vozes que não entende, e começa a ver como suas companheiras são capturadas por monstros enormes que as levantam em direção ao céu. A terra se move, oscila, e suas perninhas decidem continuar correndo, cada vez mais rápido. Sua amiga do lado direito acaba de ser colocada nas patas do gigante. É monstruoso! É o ser que esconde o sol sobre sua cabeça.

Os gigantes são cada vez mais, e elas, cada vez menos. A água está próxima. Ela sente pela primeira vez que a terra está úmida e se lembra de que, há pouco, quando saiu de seu casulo, ainda estava quente e molhado ao mesmo tempo. Suas companheiras já estão na água. Vê as cabecinhas desaparecerem diante de si e sente medo pela segunda vez. Todas estremecem levemente antes de despertarem para sua nova vida dentro da água.

*

Taíra¹ e suas companheiras, outras tracajás fêmeas, sobreviveram, embora fossem poucas. Menos da metade das que iniciaram a jornada conseguiu alcançar seu lar: o rio Marañón. Taíra conheceu outras como ela e também sua mãe, seus irmãos e irmãs, a comunidade que a acompanha há cinco anos nessa imensa massa de água que ela agora conhece perfeitamente. Descobriu que, quando a luz escurece, pode dormir e se acalmar; embora algumas de suas primas, como gosta de chamá-las,

¹ Na língua Kukama, *ta+ra* é uma forma de se referir à cria do animal.

deixem a areia molhada nesse horário para subir e se banhar no céu do rio, sem o temor de serem capturadas.

Depois de alguns anos como mãe, começou a perceber que suas filhas eram cada vez menos. Não eram comidas pelos devoradores erguidos que as perseguiram dentro do rio. Simplesmente, não retornavam de seus passeios pelo mundo seco. Ela tinha visto isso quando nasceu: suas amigas foram capturadas em grandes redes que invadiam o céu do rio. Ela mesma escapou de um monstro que a olhou de perto e lhe disse: “hoje não, já tenho o suficiente”.

Com o tempo, Taíra passou a reconhecer a linguagem desses seres, porque quando eles sonhavam, podiam vê-los e falar com eles. Nos sonhos, os trajaás os enfrentavam, perseguiram pelos rios e invadiam a areia. Era quando eles, pela primeira vez, sentiam medo e se escondiam dentro de suas árvores pequenas e quadradas. Taíra derrubava a porta e gritava que as deixassem em paz, que capturariam os monstros deles para entregá-los às sereias. Muitos desses sonhos com os predadores de duas patas terminavam quando eles pediam perdão ou quando elas acordavam.

A situação se agravou quando os machos começaram a desaparecer. Nasceram cada vez menos e morriam mais rápido. Ninguém percebeu isso até o dia em que apenas um sobrevivente solitário chegou à água, arrastando-se entre a areia tão quente que queimava suas pequenas patas. Também tinham visto como seus vizinhos (os botos, os peixes e os peixes-bois) fugiam para outros lugares, em direção ao início daquele rio mais rápido e imenso que os monstros chamavam de Amazonas.

Acima, na superfície, as madeiras que golpeavam os rios passavam cada vez mais carregadas com aquele extrato negro que se grudava em seus cascos como uma maldição. Os novos gigantes, aqueles de pele branca e ferramentas que trituravam a água, tinham aprendido também a devorá-las antes mesmo que nascessem. As manchas negras que haviam invadido os corpos de seus predadores já as haviam alertado, mas ninguém deu ouvidos. Falar não adiantava, porque esses novos gigantes não sabiam sonhar.

Mas o verdadeiro fim chegou com a pedra transparente.

Caiu do céu de madrugada, quando todos dormiam e ela vigiava. Taína reconheceu na hora: ali estava, naquela prisão luminosa, petrificado naquele material inquebrável, seu último filho. A pequena mancha amarela em forma de estrela sempre fora seu sinal. Ele havia se perdido na praia de Nauta, o lugar onde

os gigantes nunca dormem, e nunca mais se soube dele, até aquele dia. Tentaram aquecer o invólucro de cristal com suas patas, mas lá dentro, os olhos do último filho de Taína continuavam olhando eternamente para o nada.

Na escuridão do céu, Taína sentiria medo pela última vez em sua vida.

*

Taína vinha resistindo e organizando suas companheiras havia anos. Migravam em grupos, dormiam juntas e buscavam as melhores árvores para descansar, longe de todos. Sempre que o rio baixava, era ela a última a abandonar as mães com seus ovos. Haviam descoberto uma faixa de areia onde ninguém as caçava, justamente do outro lado daquela praia onde os gigantes gritavam o dia inteiro. Ali estavam protegidas, até que chegava a época do rio grande e eram obrigadas a partir. Mas nenhuma mudança havia sido suficiente para que os tracajás voltassem a ser numerosas. Restava apenas uma alternativa, e Taína sabia disso: era tempo da rebelião dos tracajás.

O primeiro território a ser invadido foram os sonhos. Pela primeira vez, os gigantes se transformaram em pequenas criaturas que, desde suas casas de madeira, viam tartarugas gigantes surgirem de todos os rios para persegui-los. O tracajá mais velho pisava as moradias e as destruía uma a uma. Os seres de duas patas corriam apavorados rumo à água, onde também morriam. Os recipientes daquele líquido negro eram empurrados para os limites dos rios e enviados de volta com eles em suas madeiras barulhentas.

Mas a rebelião apenas começara. Os botos e as sereias também se uniram e passaram a capturar meninos e meninas, que logo se tornavam parte desses coletivos. Os gigantes então recorreram aos xamãs, os mesmos que tantas vezes haviam tentado conversar com Taína para resolver o conflito, porém ela já não estava disposta a ceder.

O último diálogo se rompeu quando um dos xamãs, transformado em tracajá, disse a Taína que a terra precisava dos gigantes para sobreviver. Ela, sem se mover da madeira onde descansava sobre o rio Marañón, apontou o último lugar da terra onde viviam os únicos cinco machos que haviam sobrevivido até aquele dia. Haviam construído seus refúgios nas madeiras da praia, onde podiam viver livres, sem serem caçados: “O tempo dos seres de duas pernas acabou”, disse ela. Estava por começar a era dos seres da água.

Nos dias e semanas seguintes, centenas de gigantes abandonaram suas casas, deixaram suas árvores, e voltou-se a ouvir o grito das aves nas tardes, quando o mundo escurecia. Alguns xamãs decidiram permanecer e viver como tracajás, com suas famílias aquáticas. A única concessão que Taína aceitou foi que jamais voltassem a se transformar em seres de duas pernas. Esporadicamente, apareciam alguns gigantes em suas madeiras que trituravam a água. Os tracajás subiam depressa para empurrar as embarcações, e os botos se encarregavam do resto.

*

No meio de uma avalanche de pessoas saindo do aeroporto de Lima, uma mulher recém-chegada da Amazônia foi abordada pela Rádio Ucamara. Madalena declararia, em sua entrevista, que a maior migração humana na Amazônia havia começado no dia em que um tracajá gigante perseguiu a todos em um sonho do qual nunca mais despertaram².

² No contexto da pandemia de covid-19, um sonho foi compartilhado na Rádio Ucamara, uma rádio indígena Kukama localizada no porto de Nauta, às margens do rio Marañón, no Peru. Nesse acontecimento onírico, uma mulher relatou ter sonhado que uma tartaruga gigante os perseguia e todos corriam para se esconder em suas casas.